

p o p u l a ç ã o
cadernos neps
s o c i e d a d e

As Festas Sanjoaninas e suas origens mais remotas

- Estudo comparativo documental

■ **ANTONIETA COSTA**

Título:

*As Festas Sanjoaninas e suas origens mais remotas.
Estudo Comparativo Documental*

Autor:

Antonieta Costa

Colecção:

Cadernos NEPS / Série B - 1

Edição:

Núcleo de Estudos de População e Sociedade
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho
Guimarães/2002

Depósito legal:

176663/02

ISBN:

972-98695-4-5

Composição:

AAN/NEPS

Impressão e acabamento:

Eden Gráfico, S.A.
Rua dos Casimiros, 21
Apartado 2047
3510-061 Viseu

Direitos reservados:

NEPS
Núcleo de Estudos de População e Sociedade
Universidade do Minho
Campus de Azurém
4800-058 GUIMARÃES

Edição integrada no projecto:

*Espaços Urbanos e Rurais
Microanálise de Comportamentos Demográficos
Mobilidade Geográfica e Social
e Dinâmicas Culturais (séculos XVI-XX)*

Sumário

7	1. A questão em estudo e os Objectivos
8	2. Suporte Teórico
9	3. Metodologia e Procedimentos
10	4. Descrição da 'Festa' e <i>unidades de análise</i>
15	5. Resultados da Investigação
30	6. Discussão
37	Conclusões
41	Apêndice fotográfico

1. A questão em estudo e os Objectivos

As Festas Sanjoaninas da Ilha Terceira, são um acontecimento marcante nos Açores, presentemente conhecido como 'as maiores festas profanas' do Arquipélago.

As Festas são compostas por um agrupamento de eventos culturais, aparentemente desconexos, para os quais não se conhecem as razões de ser nem os sentidos, não obstante cronistas locais se referirem a ele, documentando-o na Ilha desde pelo menos o século XVII.

No Continente Português, de onde provavelmente terá emigrado com os primeiros povoadores, as referências históricas relativamente às possíveis origens são também pouco esclarecedoras.

Devido à persistência desta tradição e principalmente à preservação do modelo inicial, que não obstante ilógico (na sua compreensão actual), é mantido ao longo dos seus muitos anos de existência, levantou-se a questão de se proceder a uma sua leitura hermenêutica. Considerando a hipótese da proveniência desta tradição se situar numa área mais vasta, que iria englobar, possivelmente, a cultura europeia, ou indo-europeia, procurou-se estudar a etnografia do pensamento original, que estaria nos primórdios dessa cultura

A investigação histórico/antropológica dirigiu-se então a outras fontes e a esse objecto mais vasto, tendo em consideração a hipótese de que a manifestação cultural 'Sanjoaninas' seria a emanação de um pensamento e de um sistema de sentidos estruturado (em oposição à explicação de que se trata de um mero agrupamento de eventos, não interligados entre si).

O objectivo desta investigação, porém, não se situa

na mera 'ciência pela ciência', que por si só já se justificaria. Mas no caso presente, e tendo em consideração os perigos que o património cultural deste tipo corre, o objectivo principal desta investigação é o de facilitar esses resultados ao público utente da Festa. Para além de trazer contributos ao esclarecimento da origem e respectiva lógica deste conjunto de eventos, pretende-se, com efeito, que esse esclarecimento possa acordar as defesas próprias, existentes nos grupos sociais, em relação aos seus valores.

Com tal intenção, o produto da investigação foi elaborado de modo a ser consumido por esse público, com a finalidade de promover um efectivo encontro entre os actores e espectadores das 'Festas', e essas suas raízes mais remotas, e também para que o valor do património que testemunham, e que é pertença de todos, possa continuar a informar sobre essa fase da evolução humana.

2. Suporte Teórico

A investigação que deu origem à recolha da informação que aqui se apresenta baseou-se nas obras de três conhecidos Antropólogos e Folcloristas.

De Arnold Van Gennep¹, utilizou-se o *Manuel de Folklore Français Contemporain*, de onde foi retirada informação referente à investigação sobre o território francês. Pela exemplar sistematização empregue por Gennep, considerou-se que a informação daí resultante permitiria uma base segura de comparação.

O contributo de Sir James G. Frazer² foi importantíssimo, dada a monumentalidade da sua obra *The Golden Bough, a study in magic and religion*, utilizada em duas edições: Library of Congress, Oxford, Great Britain, 1890/1994 ; e Bartleby.com, New York, 2000. O universalismo desta informação, conseguida através dos seus conhecimentos nas embaixadas de inúmeros países, e também nas viagens que fez um pouco por todo o mundo, fornece um variado leque de convergências que reuniu a visão glo-

bal e coesa que se procurava para esse passado.

Finalmente, Vladimir Propp³, em *Édipo à luz do folclore*⁴, consegue um sistema interpretativo, com base no desmontar do conto Russo, que reproduz o conteúdo mítico abordado pelos outros dois autores, acrescentando-lhe uma nova metodologia de investigação.

3. Metodologia e Procedimentos

Em termos operatórios, foi utilizada a estratégia da *interpretação cultural* (ou interpretative explanation) aconselhada por Clifford Geertz⁵, que se baseia num sistemático 'desempacotar de conhecimentos', processo esse que facilita o acesso às bases do sistema cognitivo que se pretende atingir.

A leitura das obras seleccionadas, acima referidas, resultou na percepção da existência de uma mentalidade que terá condicionado as populações da área geográfica do continente europeu, e que se relacionava com o acontecimento em questão. Este condicionamento terá conduzido à criação da matriz de uma cultura que seria comum a essas populações, cuja dispersão geográfica não foi impeditiva da criação dessa identidade, distinta das demais.

Através do material reunido pelos antropólogos, chegou-se ao que parece ser a concepção da matriz que se procurava e cuja autenticidade está patente nos conteúdos do folclore de cada país, sujeita a uma constante e mútua comprovação.

A finalidade a dar a esta informação (a sua divulgação a um público heterogéneo) condicionou o resultado da investigação, orientando-o para a construção de um texto que é a súmula das informações, retiradas do conjunto das três obras, relativas às origens mais remotas da cultura cujos rituais são agora reproduzidos pelas Sanjoaninas.

Neste contexto, optou-se por não especificar as autorias ao longo do texto, para evitar interferências que, numa leitura com a intenção referida, não se justificariam.

Tratando-se de textos do fim do século XIX e princípios do século XX, as designações de localidades, referidas pelos autores, poderão estar desactualizadas, mantendo-se, no entanto, tal como são mencionadas.

Toda a Europa é assim percorrida num itinerário filológico-cultural, através destas três obras. Face a este material muito coeso e interligado, tem-se a sensação familiar de reconhecimento e de preenchimento de sentido, em relação a grande número das 'Festas' actuais. Decidiu-se então apresentar essa informação em interligação com as 'unidades de análise' previamente seleccionadas a partir dos elementos mais marcantes, e que correspondem, em capítulos, a cada um dos vários actos que compõem as actuais Sanjoaninas de Angra.

Uma particularidade do modelo que as Festas Sanjoaninas de Angra apresentam, na qual se identificam, aliás, com outros países europeus, nomeadamente a Suécia, é a de conjugar dois grandes tipos de eventos do passado, numa só comemoração. Um dos tipos tem por base a celebração do Solstício de Verão, que pela dimensão dos mitos a que faz apelo, conserva grande parte das características específicas, que são comuns a este evento, em todas as culturas. O outro representa as crenças que se expressam na celebração do Equinócio de Primavera, e que têm lugar a 1 de Maio. A unificação das duas datas numa só celebração resultou, como se verá, numa síntese de sentidos coincidentes, sem perda de coerência.

4. Descrição da 'Festa' e unidades de análise

Como já se referiu, as Sanjoaninas Angrenses seguem um modelo que reúne um conjunto de diferentes acontecimentos festivos, aparentemente desconexos, pelo espaço de cerca de oito dias, tendo sempre como centro ou referente máximo, o Solstício de Verão.

Ao longo dos séculos, os acontecimentos, ou eventos culturais, que compõem as Sanjoaninas de Angra, sofrem

por vezes alterações, chegando a desaparecer, e por vezes sendo retomados em anos seguintes, como se seguissem um modelo pré-convencionado. Com outros eventos (como, por exemplo, os torneios a cavalo, que se realizavam na Praça Velha e que alguns cronistas locais referem como parte integrante das Sanjoaninas do passado), por nunca mais terem sido retomados, não foram considerados como *unidade de análise*.

Para efeitos de trabalho, esses acontecimentos, ou eventos, foram concebidos como *unidades de análise*, servindo de elementos de comparação a estabelecer com o material recolhido da investigação documental, fornecida pelo trabalho dos antropólogos. Para facilitar a comparação, são utilizados nas duas situações (de descrição das Festas e de referência ao passado) os mesmos termos, que aparecem a *negrito* quando apresentados como *unidades de análise*.

Uma descrição sumária desses acontecimentos é apresentada em complemento das *unidades de análise* e seguindo-se a estas.

Unidades de análise:

- a) Solstício de Verão**
- b) Vegetação**
- c) Rainha**
- d) Cortejo**
- e) Oferendas**
- f) Canções**
- g) Fogo**
- h) Touro**
- i) Espírito Santo**
- j) Desporto**

Caracterizações :

a) Solstício de Verão

As Sanjoaninas realizam-se sempre dentro deste prazo temporal. Embora muitos dos seus rituais e celebrações possam ser conotados com o que se conhecia da simbolo-

gia do Solstício, muitos outros dos eventos realizados no contexto das Sanjoaninas não parecem ter ligação a elas, como se irá ver de seguida.

b) Vegetação

A vegetação tem um papel preponderante nas Festas Sanjoaninas, embora aparentemente secundário, como servindo apenas de decoração. Aparece, no entanto sob as formas mais variadas. Um paralelo parece ser proposto entre o elemento humano e o vegetal, devido à preponderância dos dois.

Os mastros que bordejam as ruas, os verdes festões que engalanam todos os sítios por onde passa o cortejo da Rainha, as flores que decoram os carros do cortejo, transformam o elemento vegetal numa presença constante, nos vários dos actos desta festa, embora este facto possa parecer sem importância e não estar presente no consciente dos que o realizam.

c) A Rainha

As Sanjoaninas utilizam sempre essa figura de representação. A situação que rodeia a selecção da rapariga que vai desempenhar esse papel assemelha-se a um ritual, assim como a preparação ou mentalização a que a ela é sujeita, com vista a esse desempenho.

As Festas têm início com um grande e solene cortejo, o 'Cortejo da Rainha', no qual esta desfila no topo de um carro, seguido por vários outros (com alegorias que diferem de ano para ano). Embora aceite por todos como uma cerimónia 'natural' o Cortejo, assim como a importância dada à Rainha (que é recebida na Câmara Municipal, pelo respectivo Presidente), não encontram explicação na actualidade.

Para além desta ocasião, a Rainha está sempre presente na inauguração de exposições, em concertos, etc.

d) Cortejo

As Sanjoaninas são sempre iniciadas por um cortejo, no qual a Rainha desempenha o principal papel. Geralmen-

te é acompanhada por crianças (pagens) e um rapaz (mestre de cerimónias), continuando uma tradição.

A solenidade do cortejo é legitimada pelo Presidente da Câmara que recebe a Rainha e lhe cede o Salão de Cerimónias, para esta proferir o seu discurso de abertura das Festas (que por vezes também acontece em algum lugar público/solene da cidade).

No Cortejo desfilam vários carros alegóricos. Enormes multidões reúnem-se no percurso por onde passa o Cortejo, aparentemente apenas com a finalidade de o ver.

Os carros que compõem o Cortejo são meticulosamente estudados, construídos e preparados, com a finalidade de transmitirem uma mensagem, que geralmente se torna predominante nas Festas desse ano. A mensagem é todavia simples, limitando-se a homenagear um tema (por ex.: o Mar, a Primavera, etc.).

e) As Oferendas

O Cortejo da Rainha, tendo lugar no dia de abertura das Festas, não é, no entanto, o único. Um antigo 'cortejo de oferendas', que ainda há algum tempo se realizava, foi depois substituído por um 'cortejo etnográfico', no qual são apresentados, em parada, o que a comunidade considera como valores patrimoniais, a manter protegidos.

f) As Canções, Marchas e Danças

Fazendo parte do espírito de alegria e boa disposição, que caracteriza, em geral, as Festas, a música e a dança são também uma marca de identificação de cada Associação e/ou Freguesia. As Marchas, cantadas e dançadas por crianças e jovens (embora também por outras idades) e dirigidas aos moradores da cidade, são cartaz num dos dias das Festas.

Cada Marcha (dançada e cantada) apresenta uma estrutura original em cada ano, que é recebida com palmas e vivas dos espectadores.

g) As Fogueiras de S. João e os Fogos de Artifício

Estas realizações são algumas das que mais directamente parecem reflectir o sentido da festa do Solstício.

As fogueiras marcam a noite de 23 para 24. Durante os dias imediatamente anteriores e/ou posteriores, assim como nesse dia, a cidade fica feérica de luzes e fogos.

Juntam-se multidões para assistir ao fogo de artifício que marca o final.

h) Touro

Uma das principais figuras do evento, o Touro, surge em várias situações e é considerado emblemático da Festa.

De destacar, entre as várias modalidades das suas performances, a 'Espera de Gado' em S. Pedro, as Corridas de Corda e as de Praça.

Uma necessidade de 'brincar com o touro' leva os Terceirenses a criarem novas modalidades, que vão sendo experimentadas em cada ano. Presentemente, a escolha do gado bravo para cada festa é ela própria uma festa, Chama-se 'aparte do gado'. Nos curros juntam-se autênticas multidões que depois festejam com uma merenda o encontro. No regresso, trazendo os touros em 'caixões', numa camioneta, forma-se um cortejo de carros, todos enfeitados de flores, com música e foguetes.

O contacto com o touro é sempre uma situação privilegiada, para o Terceirense.

i) Espírito Santo

Uma 'Coroação' majestosa foi a solução encontrada para integrar nestes festejos essa outra religiosidade, talvez imposta por alguma forma do inconsciente colectivo.

A 'Coroação', englobando muitas das cerca de 60 Irmandades da Ilha, dirige-se em cortejo até à Sé Catedral para uma 'Missa do Espírito Santo'.

Outras celebrações próprias daquele cerimonial têm depois lugar, em consequentes dias. Em ligação com o 'Bezerro do Espírito Santo' é, por vezes, servido o manjar cerimonial das Sopas, em S. Pedro, onde um 'Império' do Espírito Santo realiza a sua 'Função' (celebração), por esta

altura.

j) Os Jogos e Desportos

Uma das situações mais inesperadas numa festa deste tipo é, precisamente, a conjugação das competições desportivas com os outros eventos que dela fazem parte. Mas na realidade, e como se fosse muito comum, várias modalidades desportivas tomam forma dentro deste conjunto de eventos, desde pequenas Maratonas, jogos de Hóquei, Ténis, etc., até partidas de Golfe, que surgem aparentemente sem ligação directa com os outros eventos, mas que são aceites naturalmente.

5. Resultados da Investigação

Apresentam-se de seguida os resultados da investigação, ordenados num texto contínuo, do qual foram eliminadas as referências aos autores⁶. Nesta apresentação, mantém-se a organização inicial das *unidades de análise* anteriormente apresentadas, para facilitar depois a comparação com os elementos da questão colocada.

a) O Solstício de Verão e o culto da árvore

O principal sentido da festa do Solstício de Verão é a celebração do Sol, quando este atinge o seu ponto mais relevante. Embora esta celebração seja universal, toma formas diferentes em cada cultura.

Na Europa, centraliza-se no *culto da árvore*.

Grandes florestas cobriam a maior parte do território europeu. Entre as tribos e outros grupos humanos que as habitavam, para quem o controlo do fogo foi essencial, na preparação de alimentos e instrumentos, desenvolveu-se a crença de que o sol vivia dentro das árvores, pois bastava esfregar dois troncos para deles sair.

A explicação para este facto era a de que o Sol, entendido como 'fogo', estaria na Terra (que no início era uma

bola de fogo). À medida que esta arrefeceu escondeu dentro de si o fogo, que no entanto subia pelas raízes das árvores.

As árvores tornaram-se assim o repositório da energia do Sol e da vida, e como tal, sagradas. Entre as tribos Germânicas existia uma lei que castigava ferozmente quem ferisse a casca de uma árvore: a pele era-lhe arrancada e colada à árvore ferida.

As florestas eram tidas como lugares sagrados, onde as árvores conservavam o espírito do deus Sol, fertilizador da Terra.

Os trovões eram a voz de deus, que viajando num raio, se comunicava com a sua parte terrena, escondida dentro da árvore. O relâmpago escolhia de preferência algumas árvores, que após queimadas ou escurecidas, eram objectos sagrados, não podendo ser utilizadas como combustível.

Algumas árvores, como o carvalho, obtinham ainda um maior respeito, crê-se que por atraírem de modo especial os raios.

Uma árvore isolada e muito alta era também mais considerada.

b) O Espírito da Vegetação

As florestas e bosques eram habitados pelo Espírito da Vegetação.

A crença de que os espíritos das árvores, ou da vegetação, eram responsáveis pela fecundidade dos rebanhos, pela abundância das colheitas e pelo aumento da prole humana, levava a que fossem celebrados e que essa celebração acontecesse em dias especiais (Equinócios e Solstícios), relacionados com fases de alteração da rota da Terra em relação ao Sol.

As datas de referência são o 1º de Maio (*May Day*, associado com o *Whitsuntide*, semana do Pentecostes) ou o 24 de Junho (*Midsummer*, Solstício). Nestas datas, em que a Terra sente a mudança relativa ao Sol, era e ainda é hábito, em muitas partes da Europa, ir à floresta cortar uma árvore para trazer para a aldeia ou cidade, ou então cortar ramos para trazer para casa, com a finalidade de

proteger esta e a abençoar.

A recolha desta vegetação era um acto ritual, sacramental, que deveria ter lugar no Equinócio da Primavera.

Por vezes, como acontece na Suécia, dá-se uma conjugação dos dois dias e sentidos durante a celebração do Solstício de Verão, juntando a esta a de Maio. Em Stockholmo, nas celebrações do Solstício de Verão, é criado um mercado especial, que vende milhares de "mastros de Maio" (Maj Sta&caronnger) cuja altura varia entre 20cm até 5 ou 6 metros, e que são decorados com folhagem, enfeites de cores, de papel, bolas coloridas, etc. Os paus enfeitados têm, por vezes, a forma de arcos.

Semelhantes hábitos encontram-se também em muitas partes da Alemanha e Boémia.

Uma vez limpa a árvore da sua casca e enfeitada (por raparigas) com os vários adereços, era içada na praça principal seguindo um ritual, após o que jovens dançavam à sua volta durante o dia e os mais velhos à noite.

Depois da festa, a árvore era queimada, rodeada de fogueiras, pois o seu efeito mágico, revitalizador, só se exercia naquele ano, devendo ser devolvidas à terra as suas cinzas enquanto que o seu fogo ia contribuir para o refazer da energia do Sol.

A crença neste poder mágico da árvore era tal que quando o missionário S. Jerónimo de Praga tentou persuadir os Lituanos a abater algumas florestas para o cultivo da terra, uma multidão foi queixar-se dele ao Príncipe da Lituânia, dizendo que ele queria destruir a casa de deus, a quem pediam chuva ou sol.

A Igreja Católica teve grande dificuldade em modificar este tipo de pensamento.

A ligação das festas de S. João, onde quer que se realizem, a temas da natureza, tem como justificação a anterior mística que envolve estas duas datas e que se objectiva através da vegetação, que é colhida na floresta, trazida e disposta, de forma ritualizada, como símbolo da vida e protecção das populações e bens.

No Norte da Inglaterra era hábito formal os jovens, rapazes e raparigas, levantarem-se muito cedo, um pouco depois da meia-noite, na madrugada de 1 de Maio, e irem

para a floresta, ao som de música e toques de trompa, para cortarem ramos de árvore que adornavam com ramalhetes e coroas de flores, na forma de grinaldas, e arcos. Eram trazidos para casa, em cortejo, para os colocarem nas ombreiras das portas e janelas, garantindo assim a protecção do Espírito da Vegetação para as suas casas. Esta protecção estendia-se das sementeiras e colheitas, ao gado e às mulheres, garantindo-lhes fertilidade.

As celebrações que acompanhavam a colheita dos ramos e do tronco variavam bastante. Em Grossvargula, perto de Langensalza (no século XVIII), o cortejo era liderado por um rapaz a cavalo, coberto da cabeça aos pés de folhagem (apenas com uma abertura para a cabeça), formando uma pirâmide, com o topo adornado por uma coroa real de flores. O cortejo dirigia-se à praça principal onde a coroa era entregue ao Presidente da Câmara.

A colocação da "Árvore de Maio" no centro das aldeias e cidades era uma tradição comum a muitos dos países europeus. Os ramos verdes enrolados e presos com cordel à sua volta, como festões, representam a transferência do Espírito da Vegetação, da floresta para a cidade, onde este símbolo da vida passava a ser celebrado.

Um comprovativo deste entendimento está no facto de o tronco de árvore dever conservar alguns ramos verdes no topo. Por vezes, era mantido de um ano para o outro o tronco anteriormente apanhado. Porém, na altura das celebrações, o topo era enfeitado com verdura fresca.

Era à volta deste tronco que tinham lugar os folguedos que depois foram atribuídos ou ligados ao culto de S. João.

c) A Rainha

A aceitação da figura da "Rainha", como representante do Espírito da Vegetação, tem lugar ao longo de uma progressiva evolução do pensamento da época.

Esta evolução produz-se quando a árvore deixa de ser entendida como o próprio espírito, passando a morada deste, sítio ou objecto no qual ele reside. Quando o conceito de Espírito da Vegetação é separado do da árvore (onde anteriormente era entendido como se fora a sua alma) e passa a ser concebido como Deus da Floresta, toma então a figu-

ração humana, como acontece tendencialmente nesta fase da evolução. A figura humana que representa o deus tanto pode ser a de um rapaz como a de uma rapariga.

Artemis dos Gregos, depois Diana dos Romanos, foi a primeira personificação, em conjunto com a contraparte masculina, Dionísio, Silvanus e/ou Baco.

Uma preferência pela representação feminina não caracteriza uma época nem um lugar, mas vê-se um pouco por toda a parte.

Na Boémia, no quarto Domingo de Quaresma, jovens realizam um ritual que consiste em atirar à água uma boneca chamada 'Morte'. Depois, raparigas vão para a floresta, cortam uma pequena árvore, vestem-na de roupas brancas, a imitar uma mulher, e com ela organizam um cortejo que vai de casa em casa ao som de uma cantiga cujo refrão é:

*Levamos a Morte para fora da cidade
trazemos o Verão para a cidade*

Existe um grande número de exemplos ilustrativos da intenção de representar o Espírito da Vegetação em simultâneo através de elementos vegetais e humanos, colocados lado a lado, com a finalidade expressa de se complementarem. Nestes casos, o representante do Espírito é por vezes uma boneca, outras, uma pessoa, mas é sempre colocado ao lado de vegetação, formando uma espécie de 'inscrição bilingue', em que um é a tradução do outro.

Traçando um paralelismo entre o que acontece no mundo vegetal, onde se concebia o casamento das árvores entre si, e a sociedade humana, Mannhardt atribui os títulos de Rei ou Rainha ao significado dado ao Espírito da Vegetação, que rege a vida, e cujo poder criativo ultrapassa todas as fronteiras.

A partir desta nova concepção mitológica, o casamento (simbólico, ou *de facto*) entre os pares reais, era considerado um acto sagrado que teria como consequência o fortalecimento das sementeiras e colheitas.

Mais tarde, o entendimento da participação dos humanos nesta função fertilizadora permitiu um gradual aumento do seu protagonismo nos rituais, o que acontecia,

por exemplo, com a prática do acto sexual nos campos de sementeira e em sincronia com a primeira semente lançada à terra.

O carácter representativo da Rainha é marcado por símbolos da vegetação (folhas, flores, ramos de árvore) presentes na indumentária e também noutros elementos do cortejo solene que caracterizava algumas das cerimónias.

O simbolismo do Rei ou Rainha como representantes do Espírito da Vegetação permitiu alargar os efeitos mágicos deste, em benefício da restante comunidade.

Por toda a Europa, jovens raparigas eram seleccionadas para essa representação.

Na Hungria e em algumas partes da Alemanha, a escolha da Rainha é feita pelas próprias raparigas, que entre si escolhem a mais bonita. No sudeste da Irlanda a rapariga mais bonita era empossada como Rainha do distrito durante doze meses. Seguiam-se festas, danças e desportos encerrando-se com um grande cortejo nocturno. Durante este ano de reinado, ela presidia a festas rurais de jovens, casamentos, etc., mas se acontecesse casar neste período de tempo, perdia a sua autoridade e o cargo não era preenchido até ao próximo dia 1º de Maio.

Em várias províncias suecas, como Blekinge, por exemplo, a Igreja empresta ocasionalmente à rapariga (Rainha) uma coroa.

Na Lituânia, eram os rapazes da aldeia quem escolhia entre as raparigas mais bonitas, a representante ou rainha. Era costume no 1º de Maio, levar para o centro da aldeia uma árvore verde, perto da qual era colocada a Rainha, que era sentada num trono, à volta do qual dançava-se e cantava-se.

d) O Cortejo

Era suposto que o cortejo com a representante da divindade produzisse os mesmos efeitos benéficos nas plantas e colheitas que a própria divindade. Por outras palavras, a partir da imitação da divindade, e desta passar a ser vista não como uma imagem da divindade, mas como uma autêntica incorporação desta, ou seja, do Espírito da

Vegetação, o cortejo em que participa adquire um carácter sério, de natureza e significado sacramentais.

A rainha vestia geralmente de branco. Na Boémia, no quarto Domingo de Quaresma, raparigas vestidas de branco e com o cabelo ornamentado com as primeiras violetas e margaridas da época, conduziam até à cidade uma outra rapariga designada Rainha, que era coroadada de flores.

Durante a procissão, seguida com grande solenidade, nenhuma das raparigas pode ficar parada, mas devem rodar à volta continuamente e cantar. Em cada casa a Rainha anuncia a chegada da primavera, desejando aos moradores boa sorte e benções, pelo que recebe presentes.

As ofertas são integradas no cortejo, sendo depois consumidas ritualmente.

e) As oferendas, como parte do cortejo

A intenção do cortejo é a de distribuir bênçãos pela comunidade. Esta função é realizada através das canções e orações que os jovens proferem frente a cada casa. O conteúdo destas preces refere-se ao desejo de bom tempo, colheita abundante e bênçãos espirituais. Em retribuição do seu esforço, as crianças são recompensadas com oferendas.

Em Halford, ao sul de Warwickshire, as crianças vão de casa em casa no 1º de Maio, duas a duas, em procissão, levando à frente um Rei e uma Rainha. Dois rapazes levam um mastro com cerca de metro e oitenta de alto, enfeitado com verduras e flores. Perto do topo é atravessado por dois braços, também enfeitados, com arcos pendentes nas pontas e igualmente decorados. Às portas das casas, as crianças cantam canções de Maio e recebem dinheiro que é utilizado para melhorar o seu lanche, na escola.

O significado da dádiva é o de uma espécie de pagamento, pois o cortejo é entendido como trazendo, com o Espírito da Vegetação, boa sorte à casa, esperando os seus representantes que lhe seja dada uma retribuição.

A colecta de oferendas, na época da Páscoa, é comum a muitos lugares, na Europa, e segue, geralmente, um modelo semelhante. As oferendas tendem a ser artigos alimentares, como ovos, manteiga, pães, café, açúcar, leite,

etc.

As oferendas são levadas em cortejo até um local onde as crianças, auxiliadas pelos adultos, imitam o banquete e a festa de casamento do Rei e Rainha, dançando e brincando até à noite.

Algumas canções incluem no seu conteúdo pedidos específicos de um determinado tipo de alimento (como sal-sichas, bolo, etc.). Nelas porém está implícito uma espécie de aviso para os que não dão nada, lançando-lhes pragas, como por exemplo: que as vinhas não dêem cachos, os campos não dêem trigo, etc.

f) As canções marchas e danças

As canções eram rituais, através dos quais eram expressos actos de louvor ou de prece, com a finalidade de, através de uma magia simpatizante, obter da divindade a respectiva protecção. O conteúdo que ainda foi possível recolher, no início do século XX, revela essas características.

Os arcos, mastros, rodas, marchas e danças de agora, assim como os festões de verdura que enfeitam as ruas, tinham como significado a adesão a dois princípios fundamentais : o da crença na capacidade da participação humana na revitalização da natureza (principalmente através da prática da magia simpatizante), e o da transferência do Espírito da Vegetação, da floresta para a cidade, trazendo com ele todo o seu cortejo de bênçãos.

As formas de magia simpatizante incluíam, para além da dança e do canto, o riso ritual, cantigas e frases soltas obscenas, a abstenção de comida e sexo nos trinta dias anteriores às sementeiras e a prática do acto sexual, na data do primeiro dia de sementeiras.

Outras formas de magia simpatizante, para além das já descritas, ainda encontram réplicas nas actuais performances. Porém o seu sentido inicial foi-se perdendo, à medida que esta ocasião passava a ser pretexto para encontros e namoros. Um sintoma desta perda de sentido está no facto de as pessoas acharem que não seria necessário colher uma árvore verde todos os anos, para esta celebração, fazendo-o apenas de três em três anos, ou mais,

e disfarçando o tronco velho com verduras.

Também as danças e canções foram sendo alteradas.

Um pouco por toda a Provence, mas especialmente em Bordeaux, os rapazes de cada rua erigiam uma 'árvore de Maio', que adornavam com grinaldas e uma grande coroa, e todas as noites, até ao último dia do mês de Maio, rapazes e raparigas cantavam e dançavam à volta do mastro, de um certo modo, banalizando o acontecimento.

g) As fogueiras de S. João e os fogos de artifício

Por toda a Europa, é comum o costume de acender fogueiras em determinadas datas do ano, sendo as mais usuais as da Páscoa, do Solstício de Verão e do Solstício de Inverno. Existem referências a estes acontecimentos muito antes da Cristianidade, e durante o sínodo do século VIII, chegaram a ser proibidos, como paganismo.

Dois tipos de sentidos ou significados são atribuídos às fogueiras da Páscoa e às de Verão (cujos rituais se assemelham bastante). Um, designado como 'Teoria Solar', era defendido por Wilhelm Mannhardt. O segundo, proposto por Eduard Westermarck, foi conhecido como a 'Teoria da Purificação'.

A Teoria Solar segue a linha explicativa do entendimento existente entre os povos primitivos europeus, sobre as árvores, como seres ligados ao Sol e ao Espírito da Vegetação. Esta ligação traduzia-se na crença de que o Sol enfraquecia nos períodos de 'mudança de rota', ou seja, nos Solstícios. Assim, com a intenção de lhe refazer as energias perdidas, eram acesas fogueiras monumentais que, libertando o fogo da madeira, supostamente o devolviam ao Sol. Esta teoria, a primeira a surgir, parte do princípio de que o Sol tem um poder criativo, estimulante do crescimento de plantas e animais, que o homem pode potenciar através de rituais, como o acender de fogueiras e o enviar o seu fogo o mais alto possível.

A Teoria da Purificação, posterior à Solar, vê o Sol como possuindo um poder destrutivo, que queima os elementos nocivos que ameaçam a vida dos animais e plantas, mas que pode ser vantajoso, pois tem um efeito purificante. Este efeito é utilizado na expulsão de demónios e maus

espíritos.

O entendimento relativo à queima da 'árvore de Maio' enquadra-se nesta dimensão. No distrito de Praga é costume os jovens partirem pequenos pedaços da 'árvore de Maio' pública, e colocá-los atrás das imagens sagradas, nos seus quartos, onde ficavam até 1º de Maio do ano seguinte, altura em que eram queimados na terra. O mesmo acontecia com a vegetação benta no Domingo de Ramos.

Ambas as teorias encontram, ainda na actualidade, argumentos de defesa, aparecendo misturadas e difusas nos rituais contemporâneos.

As manifestações actuais mais características são os fogos de artifício, as iluminações e ainda as fogueiras, enquanto que na idade média, para além das fogueiras eram feitas procissões de tochas, à volta dos campos e era também hábito fazer rodar uma grande roda por um declive, após ser incendiada, simbolizando, ao que se julga, a descida do Sol, do seu ponto mais alto.

Nas fogueiras eram queimados ossos (por vezes animais, como esquilos e ratos), ramos verdes e várias outras substâncias, com a intenção de provocar um fumo espesso que iria afastar dragões, que, acreditava-se, nessa altura do ano, com o calor, copulam no ar e envenenam os poços e rios, deixando cair a sua semente neles.

No crer das gentes de então, até onde chegasse a luz da fogueira, os campos seriam férteis e as casas à sua volta estariam livres de guerras e doença. Em Volkmarshen e outros lugares em Hesse, as pessoas marcavam o lado para onde o vento soprava as chamas e plantavam as sementes do linho nessa direcção, certas de que ele cresceria bem.

Tições levados das fogueiras preservam as casas de serem apanhadas pelos raios. As cinzas aumentam a fertilidade dos campos, protegendo-os de ratos e, misturadas na água do gado, fazem-no crescer e protegem-no contra qualquer praga. Quando as chamas decrescem, novos e velhos saltam a fogueira e às vezes, fazem passar o gado sobre as brasas ainda ardentes.

As fogueiras da Páscoa

Depois de ter proibido este costume e crenças, a Igreja Católica criou as suas próprias celebrações, voltando a autorizar a realização de fogueiras. Na tarde de Sábado de Páscoa, uma grande fogueira era preparada por rapazes, num campo de cultivo de cereais. Uma grande cruz, forrada de palha era colocada no topo. Depois do serviço da noite, as luzes eram apagadas. À meia-noite, rapazes de mais de dezoito anos, com lanternas acesas por uma vela consagrada, corriam na direcção das fogueiras e acendiam-nas. Na altura de serem acesas as fogueiras, as mulheres não podiam aproximar-se, enquanto que um grande clamor se levantava 'Estamos a queimar o Judas!'

O primeiro rapaz a acendê-las era homenageado no Domingo seguinte: as raparigas ofereciam-lhe ovos coloridos, à porta da Igreja.

Na Segunda-Feira de Páscoa, os aldeões juntavam as cinzas e espalhavam-nas nos campos, juntamente com os ramos de Páscoa, com o propósito de protegerem os campos de cultivo contra chuvas de granizo. Em algumas partes da Swabia, as fogueiras de Páscoa não deviam ser acesas, com ferro, aço ou pederneira, mas só friccionados com dois paus de madeira.

Este exemplo da utilização de um velho costume e a atribuição da data do Solstício, a S. João Baptista, tinha lugar na alta Bavária.

Na Noruega e Dinamarca dizia-se que as iluminações e os fogos de artifício tinham, para além de outros sentidos, o poder de afastar os maus espíritos e as doenças, ou de manter afastadas as bruxas, que se diz voarem de todos os lados, nessa noite, para Blocksberg, onde vivem as grandes bruxas (Valpurggis). Na Suécia, a noite de S. João (St. Hans) é a mais divertida de todo o ano. Através de todas as províncias, de Bohus e Scania e nos distritos que fazem fronteira com a Noruega, é frequentemente celebrada com descargas de canhão e enormes fogueiras, nas ruas e cruzamentos. A lenha consistia em nove diferentes tipos de madeira.

Na Alemanha, Suíça e Áustria, julgava-se exorcizar os demónios (Trolls) através de magias feitas com o fogo. Tam-

bém as pessoas acreditavam que o linho cresceria tão alto quanto os saltos dados sobre a fogueira.

A rapariga que vir nove fogueiras num ano casará antes do fim desse ano. Os festões chamuscados são levados para casa e cuidadosamente guardados durante o ano para servirem como amuletos contra relâmpagos, para curar algum doente ou para fazer fumigações em casa ou no estábulo.

Por vezes os rapazes juntam vassouras e espanadores e, depois de embebidos em óleo e acesos, lançam-nos ao ar o mais alto possível. Os cabos carbonizados e carvões são depois enterrados na horta para protegê-la das lagartas e mosquitos.

h) O Touro como representante do Espírito dos Cereais

O Espírito da Vegetação, quando representado em forma humana, era visto como Diana, Dionísio/ Silvanus, Ceres, e outros deuses, que por sua vez personificavam a proteção esperada para os cereais, árvores de fruto e outras culturas. Nesta sua configuração, Dionísio, por exemplo, tomava a forma de diferentes animais, entre os quais as mais comuns eram a do Touro e a do Bode. Como este último, surgem representações que originam a figura mítica do fauno, metade homem, metade animal. Uma das principais representações da divindade, no entanto, era configurada no Touro (assim como na Vaca, no Boi e no Bezerro). Também nestas configurações aparecem por vezes entendimentos que representam a divindade com corpo de boi e cabeça humana, ou vice-versa. Outros símbolos, como os cornos surgem como prova dessa hibridação, apresentados tanto na cabeça de mulher (Ísis) como na de homem (Dionísio, Osíris, etc.). A combinação destes elementos com o vegetal era também uma constante.

Em todos estes casos, o animal que personificava a encarnação do Espírito da Vegetação, desempenhava o papel principal nos rituais, cuja finalidade era a de canalizar para a terra as bênçãos do Espírito, sendo depois morto e comido. Alguns pedaços do seu corpo eram enterrados em lugares especiais, entendidos como facilitando a fertilização de

uma vasta área.

A tradição que vê o Touro como representando o papel de animal sagrado era universal, ou comum a muitas outras culturas. Na europeia, está ainda presente não só em rituais cujo significado, no entanto, foi alterado, como também em provérbios e ditados. Na Prússia, diz-se que 'o Touro desceu à ceara', quando o trigo se apresenta mais forte. Quando o ceifeiro se corta com a foice 'o Touro empurrou-o'. Em Chambéry, diz-se que 'ele feriu o Touro'.

Por toda a Swabia, o último feixe de espigas nos campos é chamado 'a Vaca'. Diz-se do homem que corta a última espiga, que 'tem a Vaca' e é troçado, o que não agrada a ninguém. A Vaca era por vezes representada pela figura de uma mulher, feita de espigas em flor e com grão, e era levada para a herdade daquele que apanhava o último feixe de espigas. Este hábito é comum em toda a Suíça, onde a confusão entre a forma animal e a humana, como representante do Espírito dos Cereais, é visível nas muitas figuras dos dois.

Na Alta Bavária, um Touro gigantesco feito de palha, armada em cima de uma estrutura de madeira, é colocado, pelos seus vizinhos, na terra do ceifeiro que fica em último lugar nas ceifas. É adornado de flores e folhas.

O Espírito dos Cereais, encarnado na forma de Touro ou Boi, é morto no campo da colheita, no fim desta. Em Pouilly, perto de Dijon, quando as últimas espigas de grão são cortadas, um boi adornado de fitas, flores e espigas de trigo é levado à volta do campo, seguido de todo o grupo de ceifeiros, a dançar.

O Boi é morto de seguida e comido no 'jantar da ceifa'. Uma parte, porém, é conservada em vinagre até ao primeiro dia das sementeiras, na Primavera seguinte. Em Pont à Mousson e outros lugares próximos, no último dia das ceifas, um Bezerro é enfeitado de flores e espigas e conduzido por lavradores (ou pela mulher do lavrador, preso por uma corda) a dar três voltas à herdade. O Bezerro escolhido para esta cerimónia é o que foi primeiro a nascer, na Primavera desse ano. O cortejo é seguido pelos ceifeiros, com as suas foices. Depois o Bezerro é deixado correr livre. Os ceifeiros correm a agarrá-lo e o que o faz primeiro é cha-

mado o Rei do Bezerro. De seguida, o Bezerro é solenemente morto.

O fundamento destes actos era a crença de que o Espírito dos Cereais, na forma do Touro, era morto no último acto de enfiar. Em Auxerre, nesta fase das colheitas, grita-se alto doze vezes 'estamos a matar o Touro'. Próximo de Bordeaux, onde um açougueiro mata um Boi no campo, imediatamente após o final das ceifas, diz-se do homem que dá a última ceifada que 'ele matou o Touro'. Em Chambéry, o último feixe é chamado 'o feixe do Bezerro'. Em Puy-de-Dôme, quando um enfeixador não consegue acompanhar o ritmo do ceifeiro, diz-se que 'está a parir o Bezerro'. Em algumas partes da Áustria, crê-se ver na Primavera, entre os cereais a despontar, um Bezerro mítico (Muhkälbchen), que é apontado às crianças, a quem se diz também, quando o vento faz ondear os cereais, que é o Bezerro a passar.

Não parecem restar dúvidas de que este Bezerro da Primavera é o Touro que é morto nas colheitas. O carácter sagrado deste Touro surge expresso em várias formas de arte, testemunhos da mentalidade das populações aqui referidas, nomeadamente nos desenhos das grutas de Altamira e Lascaux, onde o Touro é sempre representado em dimensões diferentes (muito maiores) das dos outros animais, o que, no vocabulário do neolítico, significava atributos do sagrado.

i) O Espírito Santo das Sanjoaninas

Nas celebrações Açorianas do Espírito Santo é difícil encontrar pontos de ligação com o entendimento expresso pela Igreja Católica sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. No entanto, essa ligação torna-se ainda mais ténue ao observarmos a integração destes rituais nas Sanjoaninas.

O que foi dito sobre as origens destas festividades fornece, porém uma óptica que permite a compreensão desse acto. Com efeito, no contexto religioso, inicial, das celebrações do Equinócio da Primavera e do Solstício de Verão, encontram-se muitos pontos comuns com as celebrações Açorianas do Espírito Santo.

Os significados atribuídos ao 1º de Maio, o relevo dado ao Bezerro, as oferendas rituais e a partilha, a figura da Rainha, a própria coroa de prata, símbolo da Divindade e decorada com elementos vegetais, entre muitos outros actos e sentidos, são pontos de contacto que justificam plenamente esta integração.

A síntese aparece feita por natureza, apenas tornando-se paradoxal para quem se situa fora deste contexto e dos seus sentidos.

j) Os jogos e desportos integrados nas celebrações do Solstício

A tradição de ligar actividades desportivas às festas do Solstício e do Equinócio, enquadra-se principalmente na competição física que é criada no acto de selecção da pessoa que irá representar o Espírito da Vegetação e na disputa do cargo.

Muitos dos jogos e desportos relacionados com os rituais de Maio destinavam-se à selecção do mais forte, ou mais rápido, ou ainda, mais inteligente, que iria personificar o Rei das festas, naquelas que utilizavam esta figura como representante do Espírito da Vegetação.

Na selecção da Rainha eram utilizados outros meios.

Acreditava-se que o 'destino' se encarregaria de designar o representante, bastando para tal facilitar-lhe a tarefa.

A competição física era o meio de selecção mais utilizado, restando ainda nas actuais cerimónias, vestígios dessa prática cultural.

Na área de Salzwedel era colocado um 'mastro de Maio', na Semana de Pentecostes, e organizadas corridas de rapazes, orientadas na direcção dele. Aquele que chegasse primeiro ao mastro era feito Rei. Era-lhe colocada uma grinalda de flores ao pescoço e um ramo de vegetação (espineiro branco, ou May bush) na mão, organizando-se o cortejo. Ao longo do percurso, ele vai aspergindo casas e pessoas, cantando-se uma canção à porta de cada casa, seguindo-se as oferendas.

Na Silésia, a cerimónia chamada a 'Corrida do Rei' tem lugar também no Pentecostes. Um mastro é colocado

num prado, sendo-lhe atado um pano. São organizadas corridas de jovens rapazes a cavalo, cada um tentando retirar o pano do mastro. Aquele que consegue fazê-lo e mergulhar o pano no rio Oder é proclamado Rei.

Em ambos os casos percebe-se que o mastro é um substituto da 'árvore de Maio'.

Mas, com a mesma finalidade, outros jogos de diferente natureza tinham lugar.

Em alguns povoados de Thüringen também era eleito um Rei de Maio, pelo Pentecostes, seguindo-se, no entanto, outra estratégia de escolha. Escondiam completamente um jovem numa moldura de verdura, encimada por uma sineta, e davam-no a reconhecer a pessoas de destaque, na comunidade, como o magistrado, o pároco e outros. Se estes falhavam, o jovem abanava a cabeça com a sineta o que era sinal de que tinham de pagar uma rodada de cerveja.

Os critérios de selecção para a Rainha pareciam ser apenas os da beleza.

6. Discussão

Seguindo a estratégia da 'interpretação cultural', defendida por Clifford Geertz e aqui aplicada, coloca-se agora a 'questão', para ser confrontada com o material recolhido. Serão utilizados três níveis de análise, abordando-a por várias vertentes, embora de modo sucinto, ou seja, apenas esboçando algumas das suas possíveis vias de leitura.

Em primeiro lugar, percebe-se que esta matéria, ao ser comparada com os acontecimentos denominados 'Sanjoaninas', se traduz numa rica fonte de informação e esclarecimento sobre os sistemas de valores e sentidos dos mesmos. A mentalidade de várias épocas, que sobressai agora numa nova lógica, traz luz sobre um acontecimento que parecia fortuito e incongruente.

Num corte transversal, percebe-se que as diferentes lógicas pelas quais o evento passa, vão deixando marcas,

ao longo dos séculos, respeitando, no entanto, a sua estrutura. É possível compreender que a lógica inicial, que preside a este acontecimento, assim como a mentalidade mitológica que lhe deu origem e que foi tão deturpada na fase dos vários racionalismos que os séculos XIX e XX atravessaram, ainda está presente, embora incompreendida.

Esta constatação surpreende pelo facto de parecer contraditória. Muitos dos eventos actuais, embora tendo perdido o seu sentido de ritual, continuam a ser realizados. Por outro lado, embora esvaziadas de sentido, as Festas matem-se, não se sabe até quando, num mundo dominado por uma lógica racional e economicista.

É esta a situação que se pretende ressaltar, pois a falta de nexos da sua estrutura, analisada no contexto actual, poderá facilmente ditar a sua extinção.

A riqueza do material obtido sugere então uma análise (embora sumária, devido à natureza deste trabalho), a alguns dos vários níveis que a estruturam :

I O ritual

A ligação das Sanjoaninas de Angra às celebrações do 1º de Maio e do Solstício de Verão colocam a questão da explicação da resistência deste acontecimento ao desgaste do tempo e ao obsoletismo resultante da mudança de mentalidades.

Aparentemente, esta longevidade deve-se às virtudes do ritual. Victor Turner (1974), entre outros, já tinha referido a potencialidade do ritual como estrutura de preservação de valores e tradições.

Com efeito, através da prática ritualizada de actos simbólicos, é possível criar um hábito que não desaparece facilmente, mesmo que a estrutura conceptual na qual se baseia se torne obsoleta.

Este parece ser o caso das Festas Sanjoaninas.

Não só os sentidos iniciais desapareceram (já não existem, nem mesmo reminiscências da racionalidade inicial do fenómeno), mas a própria natureza do fenómeno foi alterada. De uma cerimónia religiosa, de prece e louvor aos deuses, passou à de simples fruição e lazer.

Não obstante as deturpações, o modelo de performance designado como 'ritual', tem a capacidade de resistir até às alterações conceptuais devidas à mudança. Neste sentido, chama-se a atenção para a reflexão que lhe é devida, quer como futuro objecto de estudo, quer como elemento de contacto com um passado.

II O Mito

Considerado como um sistema de conhecimentos, não baseados na lógica, mas na intuição, o mito é intemporal e não espacial. Mas o mito do *espírito da vegetação* revela conhecimentos adquiridos pelo homem primitivo que parecem existir em paralelo com o raciocínio. De tal modo são importantes estes conhecimentos que a sua forma exterior e ritualizada permanece ainda em eventos como o das Sanjoaninas.

A importância a dar aos mitos, especialmente os de fundação de uma cultura e/ou civilização, é a defesa que se pode criar, após gerações de descrédito. Este procedimento justifica-se com a verificação de que os conhecimentos que, geralmente, compõem o mito, são o embrião da cultura e do pensamento social que dele brotou. Não só não pode ser ignorado, como o seu estudo impõe o recurso a novas áreas disciplinares.

III A realidade actual

Finalmente, e também muito sumariamente, a atenção dirige-se para o relacionamento que, neste evento, é permitido estabelecer entre o passado e o presente.

Esta relação será certamente o ponto mais sensível em termos de capacidade de sobrevivência do acontecimento, visto revelar o tipo de cedências e de negociações existentes entre o passado e o presente, entre a lógica e a intuição⁷, ou ainda, entre a razão e o mito, que certamente têm um papel decisivo na sua manutenção.

Ao longo de séculos deve ter tido lugar essa negociação, apresentando agora, no modelo actual das Sanjoaninas, os resultados. É esta a razão pela qual a análise do material recolhido dos trabalhos de Gennep, Frazer e Propp⁸ pode

ser crucial no apuramento dos pontos de contacto que a Festa mantém com o passado, por ser uma forma de conciliação que terá evitado a ruptura drástica que outros eventos criaram.

Neste trabalho, que apenas se destina a levantar a questão, procura-se saber quais foram os elementos destacados do passado que se prolongam nesta relação do presente e as formas de conciliação encontradas entre as duas lógicas em acção.

Para este efeito, retomam-se então as *unidades de análise* anteriormente referenciadas:

a) Solstício de Verão e (b) o culto da vegetação

A preocupação com a manutenção da data, sem outras explicações para essa exigência, pode ser considerada como um sintoma da existência de um sentido subjacente, implícito, a que se pretende dar valor, sem no entanto o tornar demasiado evidente.

Todo o contexto da Festa, porém, subordina-se a esse sentido dominante, de exaltação do Sol e dos seus efeitos fertilizantes sobre a Terra. A estrutura da Festa assenta sobre esse entendimento, mantendo em destaque os pontos que mais facilmente o evidenciam, como sejam o Cortejo da Rainha (representante do Espírito da Vegetação, ou seja, da incorporação do Sol na árvore) e o desfile das Marchas (danças e cantares), que são o exaltar da alegria da fertilidade e da abundância, resultantes desta época do ano.

Numa foto da Rainha percebe-se a preocupação em enquadrá-la nesses símbolos.

Por outro lado, nas fotos do cortejo etnográfico e noutras, aparecem elementos de um passado rural e rústico que, pelo realce que obtêm, parecem significar um apreço pelo contacto com a natureza e para com a vegetação em geral, ao qual a população reage de forma muito positiva.

A sensibilidade a esse elemento das Festas (mais uma vez, ambíguo em relação ao contexto e sentido geral de uma 'Festa') demonstra a preocupação com esse elemento essencial do modelo inicial - a vegetação - e o seu significado de então.

A ligação do sentido dado ao Solstício, com a do Equinócio, encontra evidentes modos de realização, que serão referidos a seguir.

c) A Rainha

Parece ser actualmente um dos elementos de maior destaque. Com ela expressam-se fortes simbologias que se entrecruzam, como as da fertilidade e as do poder (não esquecendo que a Rainha era considerada a personificação da divindade). A sua apresentação tem lugar, quase sempre, em ligação com o poder local (a autarquia). A Rainha vai à Casa da Câmara, onde lhe são prestadas honras. Dificilmente se encontra razão para este procedimento, fora do entendimento do passado, em que ela representava a divindade.

De notar que não obstante essa falha de sentido na actualidade, o ritual foi mantido.

d) O Cortejo

Com este elemento da Festa dá-se uma transferência de sentidos que, no entanto, não parece fugir muito ao entendimento inicial: o da distribuição de bênçãos pela população.

Vários cortejos têm lugar nestas Festas, mas em todos eles parece ainda permanecer parte do sentido inicial. As pessoas congregam-se nas margens do percurso e parece processar-se uma magia de comunicação entre o sentido actual (pouco definido) e o do passado, que no entanto se desconhece.

Sendo antigamente uma oportunidade para a obtenção de bênçãos, os cortejos, quaisquer que sejam, exercem um fascínio sobre as populações.

e) Oferendas

Esta parte do ritual parece ter-se perdido, na actualidade.

f) Marchas, Canções e Danças

Sendo estes os elementos que, por excelência, caracterizam uma Festa desta natureza, a sua integração parece, no entanto, obedecer a uma outra intenção, que obtém toda a aceitação da população.

O desfile das marchas, cada uma precedida do seu 'mastro de Maio', ou seja, dos arcos e grinaldas de vegetação, que antigamente eram importantes símbolos e amuletos, considerados como devendo proteger o grupo (e como tal, transportados da floresta para a cidade), tornou-se num dos momentos mais significativos das Festas actuais.

As Danças executadas transmitem o espírito de alegria e de esperança, que é transferido do ritual do Equinócio de Primavera, e que se conjuga com a satisfação pelas colheitas, própria do Solstício de Verão, transformando esta particular manifestação das Sanjoaninas numa síntese perfeita do sentido geral das Festas. Provavelmente por essa razão, o 'dia das Marchas' apresenta-se como um dos mais concorridos da Festa, só rivalizando com o 'dia da Rainha', contagiando os espectadores e levando-os a participar como actores.

As danças rodopiantes, onde os pares continuamente se entrecruzam, recordam referências ao passado, onde se diz que essa era uma das formas de entrar em contacto com a divindade.

g) Fogueiras, iluminações e Fogo de Artifício

As iluminações, um evento do passado, quando a luz dos archotes garantia o afastamento dos 'maus espíritos', quase não encontra justificação na actualidade. O mesmo acontece com as fogueiras e os fogos de artifício. Segundo a lógica actual, são meros esbanjamentos de energia.

No entanto, não só são mantidos, como esse conflito interior, que agudizam, não impede que todos os anos sejam reformulados os desenhos da sua apresentação.

h) O Touro

Com este poderoso símbolo religioso do passado estabelece-se uma relação ainda mais ambígua do que as

anteriores.

Os vários modelos criados para o estabelecimento da relação entre o touro e o homem, como sejam: o aparte dos touros, a espera de gado, a tourada à corda e a tourada de praça (que embora apresente um entendimento contraditório em relação às outras situações, parece ser resultado de uma adaptação à contemporaneidade), atestam a procura de uma relação ainda mais satisfatória, onde possam coincidir os entendimentos anteriores, com as imposições lógicas do presente.

Os sucessos encontrados no dia-a-dia desta relação são atestados quer pela adesão das populações, quer pela permanência dos eventos. A integração deste evento nas Sanjoaninas é mais uma situação de correspondência de sentidos, pelo reencontro que permite estabelecer com o passado.

Nas fotos que o documentam podem ser apreciados alguns dos momentos dessa relação. A sua característica mais relevante é a de que, ao contrário das touradas de Praça (que no entanto também estão integradas nas Sanjoaninas) as outras modalidades de encontro com o touro revelam um desejo de 'estar com ele' e não o de vencer.

Esta constatação pode ser mais um argumento a favor do significado subjacente de todo este acontecimento, no qual se representa uma noção que se pensa já não existir, ou então, que se desconhece.

i) O Espírito Santo

Como já foi referido, do entendimento atribuído às festividades do Espírito Santo, quando integradas neste outro evento, ressalta a conexão que já existe no ritual, mas que é disfarçada por uma religiosidade que tenta aproximar-se dos cânones católicos.

Retirado do seu enquadramento próprio, o Espírito Santo das Sanjoaninas evoca o 'Espírito da Vegetação' mais do que qualquer outro evento destas Festas.

j) O Desporto

A predominância do desporto (Vela, várias modalidades de Atletismo, Futebol, Golfe, etc.,) apresenta outra situação ambígua nas Sanjoaninas, que dificilmente encontra explicação fora do contexto explicativo apresentado anteriormente. Não obstante essa duplicidade, a integração no modelo desta Festa deu-se da forma 'natural'.

Os rapazes já não correm para serem seleccionados como o 'Rei' da Festa, legítimo representante do espírito da 'Vegetação'. Mas correm, remam, lutam por uma vitória que já não tem sentido.

As crianças⁹

Como foi possível ver nas notas do material antropológico, apresentadas para comparação, as crianças e jovens eram os actores preferenciais dos rituais iniciais. O realce que lhes é dado nas Sanjoaninas parece corresponder também a esse outro sentido.

7. Conclusões

Da comparação entre o material recolhido e as práticas actuais, resulta a tendência em aceitar que as Sanjoaninas de Angra possam fazer parte desses eventos que ainda mantêm uma ligação com o passado mais remoto da civilização Ocidental, cerne ou matriz da cultura popular europeia.

Esta hipótese ganha força ao constatar-se que a ambiguidade da actual estrutura da Festa e de muitos dos eventos que a compõem, não é causa da sua extinção. Sabendo-se como o ser humano tende a eliminar as situações ambíguas que o rodeiam (devido ao conflito interno que causam), o facto de esta situação ser aceite e mesmo encorajada pela população e autoridades, pode ser um argumento a favor da hipótese aqui levantada.

As formas de expressão que o fenómeno toma, nos diversos países onde se realiza, coincidem em pontos que parecem estruturais do pensamento e religiosidade da época

de origem. Esse facto conduz à compreensão da necessidade de uma prospecção mais focalizada sobre o assunto, na previsão de que possam existir outras formas de conexão com o passado.

No desejo de estabelecer contacto com o passado estão várias motivações de peso, que cada vez mais entram em consideração. Não se trata apenas de uma curiosidade, ou de uma diversão. Nesse passado estão ancoradas as formas de pensar, estão os ganhos em conhecimentos, está todo um processo de avanço sobre a ignorância e a impotência do homem face à natureza, de tal modo que deve ser visto como uma espécie de museu da evolução deste.

É assim que, dada a possibilidade de terem sido encontrados elos de ligação com esse passado, especialmente o mitológico, onde se guardam formas de pensar de difícil interpretação na actualidade, se devem preservar esses contactos privilegiados, como o que se produz através das Sanjoaninas em geral. Destas impõe-se salientar o modelo de Angra, pelo conjunto de elementos coincidentes que ainda congrega, carecendo de uma atenção especial, por poder ser considerado um paradigma da expressão das origens deste evento. O seu complexo conjunto de sentidos apresenta-se como uma chave que abre os seus entendimentos.

À luz desta conjugação de elementos pode-se afirmar que, na sua mais profunda concepção, as Sanjoaninas representam, não uma mera celebração da fertilidade, mas acima de tudo, a transferência do Sagrado, da floresta para o urbano. Marcam o momento dessa transição, quando o homem concebeu a possibilidade de, através do acto simbólico da imposição do papel de representação da divindade na figura humana (da Rainha) e na da Vegetação que a acompanha, trazer do bosque para a cidade, a divindade e atrever-se a realizá-lo.

Neste contexto, as Festas Sanjoaninas são a sacralização da cidade.

Notas:

- 1 *Manuel de Folklore Français Contemporain*, J. Picard et Ca., Paris, 1947,
- 2 James G. Frazer, *The Golden Bough, a study in magic and religion*, utilizada em duas edições: Library of Congress, Oxford, Great Britain, 1890/1994 ; e Bartleby.com, New York, 2000.
- 3 Vladimir Propp, *Édipo à luz do folclore* (Vega Universidade, Lisboa, 1992)
- 4 Agradece-se esta informação ao Professor Doutor Pais de Brito
- 5 Geertz, C. (1973 / 1989). *A Interpretação das Culturas*, Editora Guanabara; e *Local Knowledge*, Library of Congress, U.S.A., 1983/2000
- 6 Van Gennep, Frazer e Propp
- 7 Assim designada a capacidade de contacto com as memórias de um passado agora incompreensível
- 8 Outras figuras de proa, como por exemplo, Manhardt, poderiam ter sido chamadas a esta análise, mas houve a preocupação de limitar o seu número, para que a síntese que se produziu, entre os respectivos trabalhos, pudesse funcionar com unidade.
- 9 Esta nova unidade surge em resultado da comparação

Bibliografia

- Frazer, J. G., *The Golden Bough, a study in magic and religion*, utilizada em duas edições: Library of Congress, Oxford, Great Britain, 1890/1994 ; e Bartleby.com, New York, 2000
- Geertz, C., *A Interpretação das Culturas*, Editora Guanabara 1973/1989
- Geertz, C., *Local Knowledge*, Library of Congress, U.S.A., 1983/2000
- Propp, V. *Édipo à luz do folclore* , Vega Universidade, Lisboa, 1992
- Van Gennep, A., *Manuel de Folklore Français Contemporain*, J. Picard et C^a., Paris, 1947
- Turner V. *Dramas, Fields and Metaphors*, Cornell University Press, Ithaca and London, 1974

Apêndice Fotográfico

A Rainha (fotos 1,2 e3)

A ênfase colocada no papel desempenhado pela 'Rainha', que é uma das figuras centrais das Festas Sanjoaninas da Terceira, é legitimada pelas autoridades locais com a atribuição de honras que geralmente só são devidas a uma representante autêntica da realeza. Como se pode observar pelas fotos 1 e 2 (algumas delas com um passado já de cerca de quarenta anos, constantes dos arquivos da Câmara de Angra), a Rainha e suas Damas ocupam um lugar de destaque no Salão Nobre da Câmara, na cerimónia inaugural das Festas em cada ano. A explicação para este procedimento estará no significado que todo este ritual tinha, na sua origem europeia, quando a Rainha era entendida como uma representante directa do Espírito da Vegetação. A corroborar esta interpretação estão vários outros factores, entre os quais a forma como é utilizada a própria Vegetação (fotos 3, 4 e 5) e toda a restante estrutura da Festa.

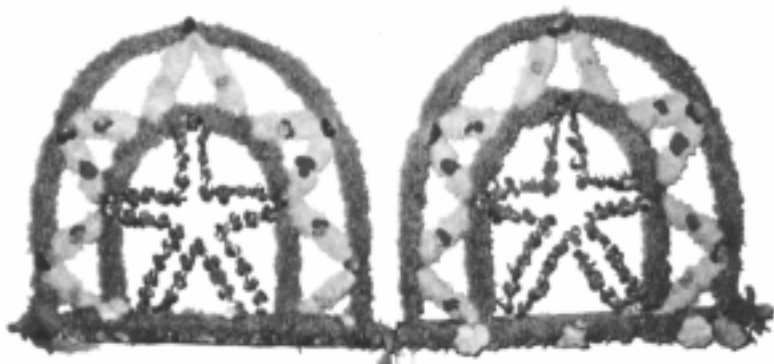




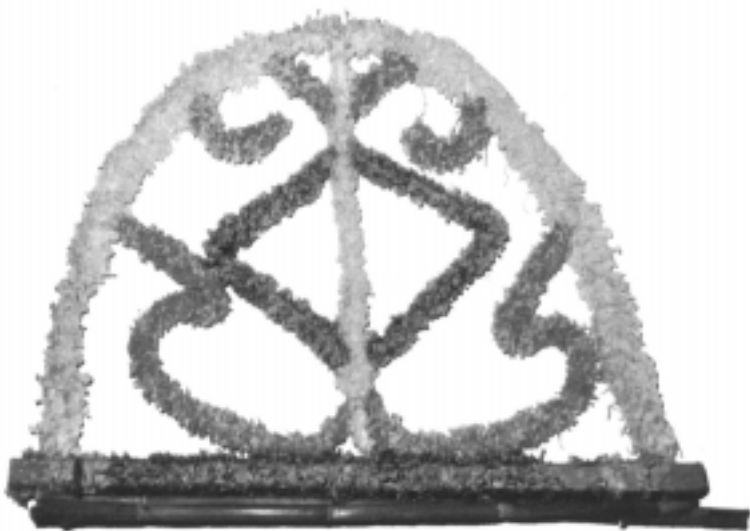
2



3



4



5



6b

6a

6e

6d



As Marchas (fotos 6)

Nas cerimónias originais, grupos que dançavam e rodopiavam, acompanhavam a Rainha enquanto esta procedia ao sacralizar do espaço urbano, trazendo consigo o elemento sagrado (a vegetação) que seria depois distribuído pelas casas (emoldurando as portas e janelas) como medida de protecção das populações.

Presentemente, estas 'danças', agora chamadas 'marchas', fazem-se acompanhar por arcos e festões de verdura (fotos 4, 5 e 6) e têm lugar no dia seguinte ao do cortejo inicial das Festas, ou seja, o cortejo da Rainha.

O Cortejo de Oferendas (fotos 7)

Assim denominado até ainda há pouco tempo e agora designado como 'Cortejo Etnográfico', parece igualmente inspirado no sentido que tinha o cortejo da Rainha, quando ela, ao regressar da floresta, trazendo desta a vegetação que simbolizava o sagrado, entrava na cidade para com o símbolo sagrado a abençoar. As ofertas que recebia em troca, no acto da bênção, e que constavam muitas vezes de produtos alimentares (embora não só), passavam então a fazer parte do seu cortejo, sendo depois comidos numa refeição colectiva. Podem-se observar traços desse passado, no cortejo actual, o qual inclui ainda a apresentação de alimentos e de animais, ambos em conjugação com objectos próprios do quotidiano de outrora (fotos 7a legumes, 7b pão, 7c bilhas de leite, 7d carro da lenha, 7e rebanho de cabras, etc.).





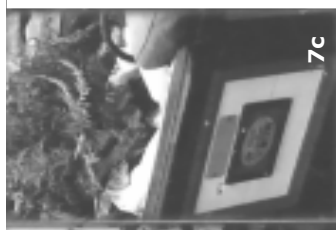
7e



7d



7c



7b



7a



7i



7h



7g



7m



7l



7k



As Touradas (fotos 8)

A ligação do Touro a este ritual, através de várias modalidades de lide, coloca de novo a questão do seu passado remoto. Recordar-se que por toda a Europa, no fim das colheitas dos cereais, cuja protecção era entendida como estando dependente dele (o touro era entendido como representante de Silvanus ou Dionísio, o deus da vegetação, de quem era o representante objectivado) o touro (ou o bezerro) devia ser enfeitado de flores e fitas, passeado à volta do campo e depois morto ritualmente e comido 'em comunhão', ou em grupo, formado pelos intervenientes no processo, numa refeição a que se chamava o 'jantar das ceifas'.

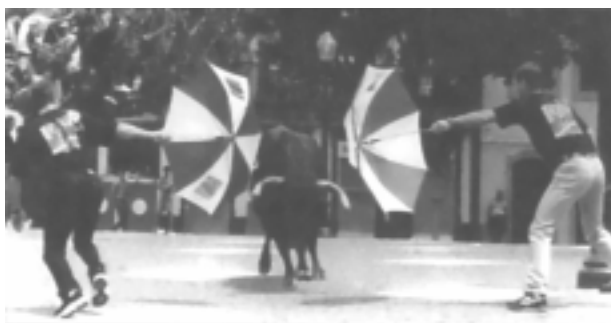
O jantar das Sopas do Espírito Santo, ocorrendo em S. Pedro de Angra (conforme fotos 8g, 8e, 8f), assinala esta semelhança. Aí tinha acabado de ter lugar a 'largada de touros' (fotos 8a, 8b, 8c, 8d), parte da Festa ansiosamente esperada pela multidão.

A foto 8h mostra uma interpretação de um pintor *naïf* local de uma outra modalidade de brincadeiras com o touro: a 'tourada à corda.





8a



8b



8c



8d



8e



8f



8g

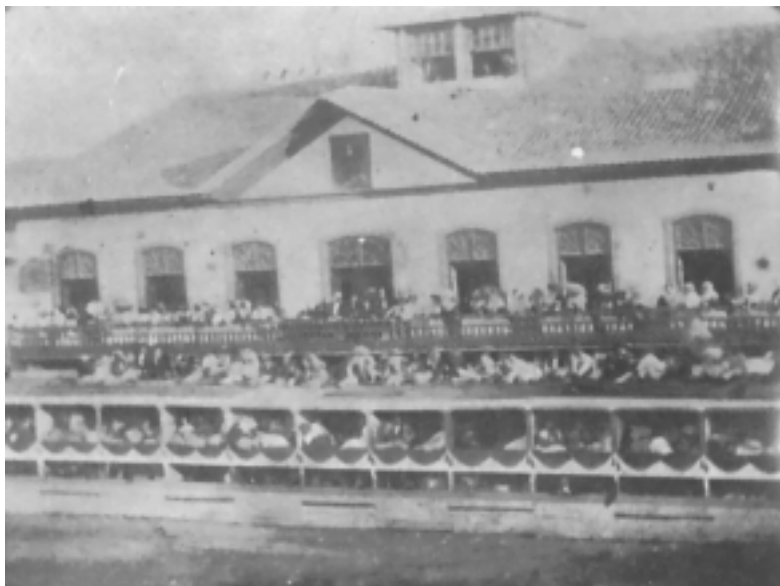


8h

Desporto (fotos 9)

As provas de destreza física, ou os desportos, permanecem integrados nas Sanjoaninas, embora já não tenham como finalidade eleger o 'Rei' da Festa. A constância da sua permanência, no entanto, pode ser considerada como um indício dessa sua outra função. Tal como no passado, muitas dessas provas têm lugar em frente da Câmara, não obstante as condições do local não serem as mais próprias (fotos 9), onde é possível ver, para além de fotos actuais, a preparação para um torneio a cavalo, realizado provavelmente no séc. XIX.





9b



9c

As Iluminações, Fogueiras e o Fogo de Artifício (fotos 10)

A ligação das Festas Sanjoaninas a um passado remoto, Europeu, atinge finalmente o seu auge nas celebrações com o fogo (ou luz). E sabido que os Solstícios, quer de Verão, quer de Inverno, eram celebrados através do fogo. Entendia-se que o Sol perdia força, na altura da sua 'mudança de rota', pelos Solstícios. Assim, a libertação do calor deveria ser endereçada ao Sol, para restauro das suas energias, ameaçadas.





10a



10b

Créditos fotográficos

(com os agradecimentos da autora)

Arquivos da Câmara Municipal de Angra
Francisco Ernesto Oliveira Martins
Viaoceânica: <http://www.viaoceanica.com>
Fotaçor, Foto-Iris : Angra e Praia